



SEÇÃO: RESENHA

Resenha crítica da tese *Família e Escola: o que as crianças do 1º têm a dizer?*

Critical review of the thesis Family and School: what do children from the 1st grade have to say?

Tiago Fermino dos

Santos¹

orcid.org/0000-0002-2261-3639

tiago.santos@edu.pucrs.br

Marcos Villela Pereira²

orcid.org/0000-0002-3977-5167

marcos.villela@pucrs.br

Recebido em: 12/11/2021.

Aprovado em: 12/11/2021.

Publicado em: 23/12/2021.

MAIA, Denise da Silva. **Família e Escola: o que as crianças do 1º têm a dizer?** 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS. Porto Alegre, 2019.

A referida tese foi apresentada por Denise da Silva Maia no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS no ano de 2019. Com formação inicial na área da psicologia, Denise Maia atua no campo da educação há mais de trinta anos. O marco que a introduziu no ambiente escolar foram as atividades de um dos estágios obrigatórios da formação em Psicologia, à época o então estágio em Psicologia Escolar. A partir daí seu percurso acadêmico e profissional esteve sempre intrinsecamente ligado à educação. Em seu mestrado, a exemplo deste movimento transversal entre psicologia e educação, Denise abordou a representação da infância nas instituições de educação infantil, a partir de uma análise que levava em consideração não somente a perspectiva dos adultos, se não que também das próprias crianças.

É neste percurso pessoal acadêmico e também em seu trabalho profissional no contexto institucional escolar, que as relações entre crianças, pais e escola foram se apresentando complexas e desafiadoras, não raras vezes marcadas por conflitos entre os atores dessa trama, mobilizando o interesse e o aprofundamento da pesquisadora sobre o tema da infância e a triangulação criança/família/escola, que ocasionou a pesquisa "Família e Escola: o que as crianças do 1º têm a dizer?".

A pesquisadora dedicou-se a compreender como família, escola e a relação entre ambas são percebidas pelas crianças. Para tanto, foram observadas crianças do 1º ano do ensino fundamental de duas escolas, uma da rede pública e a outra privada, ambas localizadas na cidade de Porto Alegre (RS, Brasil). Como a pesquisadora estabeleceu por meta



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Secretaria Municipal de Educação Fortaleza (SME), Fortaleza, CE, Brasil.

² Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil.

acompanhar essas turmas ao longo de várias semanas, foram escolhidas escolas próximas à sua residência, com a finalidade de desenvolver melhor o trabalho de sua pesquisa participante. Para Denise “a meta foi, portanto, realizar uma pesquisa com crianças, mais do que um estudo sobre crianças” (2019, p. 106).

Não se trata, porém, de uma pesquisa-ação, uma vez que as crianças não estavam tomando as decisões, definindo categorias, nem validando os resultados de igual para igual com a pesquisadora. Por esta razão, embora veremos que ao longo de toda a pesquisa a autonomia das crianças aparece como um aspecto elementar, mesmo essa autonomia está sendo avaliada sob critérios priorizados pela autora, por isso refere-se a uma pesquisa participante.

Como este tipo de pesquisa se dá em um cenário não simulado, ou seja, acontece na vida real e dentro do ambiente escolar dessas crianças, Denise relata ao longo de sua tese que não existe neutralidade entre a observadora e as crianças observadas, há interações, ainda que mínimas, “por isso é denominada observação participante” (MAIA, 2019, p. 109). Contudo, Maia afirma que o observador não controla todos os elementos da pesquisa, uma vez que esses estão sujeitos aos nativos daquela comunidade. Resta ao pesquisador, portanto, concordar em “ir com a maré”, empreendendo em uma jornada imprevisível e incerta, sendo essa a “condição à fonte de riqueza do trabalho” (HORN apud MAIA, 2019, p. 108).

Outro elemento a destacar é que a pesquisa traz a infância como categoria social, fundamentada na Sociologia da Infância como campo de estudo, que estabelece um debate interdisciplinar

a partir do qual se constituiu o campo dos Estudos da Criança, para o qual contribuem também a História, a Antropologia, a Psicologia Crítica, a Psicologia Cultural, as Neurociências e a Filosofia (SARMENTO, 2013 apud MAIA, 2019, p. 47).

Dessa forma compreende-se que as crianças não são meras consumidoras da cultura dos adultos, isto é, assume-se que embora sejam influenciadas pelo que veem e ouvem, elas in-

terpretam e ressignificam essa cultura, não somente sendo influenciadas por ela, mas também influenciando sobre a dinâmica da sociedade em que estão inseridas. Denise defende que “considerar as crianças atores sociais e sujeitos, implica definir como fundamental a sua participação na pesquisa científica que objetiva conhecê-las” (2019, p. 105).

A partir da proposta de abarcar a complexidade da vida das crianças, determinada pelas múltiplas formas de viver a infância, concebendo sobre tudo que a infância não está em uma posição passível, isso é, reconhecendo que as crianças são capazes de produzir saberes, o desafio da pesquisa apresentada foi encontrar meios de se afastar de uma posição adultocêntrica e assumir este lugar que a criança ocupa, de “perspectivas diferenciadas, fruto de suas diferenças orgânicas, sociais e de poder em relação aos adultos” (LEAL, 2006 apud MAIA, 2019, p. 18).

Entre as ferramentas metodológicas utilizadas pela pesquisadora estão os grupos focais, onde as crianças foram estimuladas através de figuras a debater suas perspectivas acerca da escola, da família e da relação entre ambas. Os diálogos destes grupos focais foram gravados e transcritos ao término das atividades, além disso, nesses grupos focais as crianças produziram desenhos e escritas. Maia explica que:

As narrativas orais e escritas das crianças foram submetidas à Análise Textual Discursiva; os desenhos, entendidos como narrativas gráficas, foram analisados a partir de diversos autores (2019, p. 8).

A pesquisadora também acompanhou as crianças em suas atividades escolares ordinárias, como as aulas, os intervalos no pátio e outras atividades oferecidas pelas escolas no período em que a pesquisa se desenvolveu. A pesquisadora fez uso de um diário de campo nestes espaços para registrar as interações, descobertas, histórias, significados, reflexões e avaliações que eram percebidas por ela e pelas crianças. O diário de campo é um instrumento metodológico de suma importância, que funciona como um registro da memória do pesquisador.

Por meio desse procedimento, que consiste no registro escrito das ações vivenciadas e intenções captadas no cotidiano do espaço investigativo, o pesquisador possui um arquivo quase fidedigno de informações que o auxiliarão na análise dos acontecimentos que atravessam o trabalho de pesquisa em campo (FONTES, 2005, p. 129).

Parte dos resultados levantados pela pesquisa apontou que na percepção das crianças, não pertencer a uma família está vinculado à condição de pobreza e abandono, estando o sujeito sem família condicionado a morar na rua ou em orfanato. As crianças referenciam a família como provedora de cuidado e afeto, sendo essa a importância de se pertencer a uma família. "A família é mais do que uma instituição social para os brasileiros; ao ser considerada fundamental à própria vida social, ela é um valor" (DAMATTA apud MAIA, 2019, p. 141). As crianças também reconhecem casais sem filhos como uma família e admitem a possibilidade de adoção, mas este modelo parece ser exceção, com o padrão ainda estabelecido no tripé pai-mãe-filhos. Neste aspecto, quando perguntadas diretamente sobre a possibilidade de existir famílias com dois pais ou duas mães, as crianças concordaram ser possível, mas não identificaram nas fotos onde essas configurações estavam presentes, apresentando alternativas para explicar as imagens como sendo de colegas ou amigos, invalidando-as como família.

Evidencia-se, assim, a força da heteronormatividade, que invisibiliza as configurações familiares homoparentais ou homoafetivas (GIBIM, 2017)³, ainda que elas estejam presentes na mídia, em discussões e documentos oficiais¹⁰ e, provavelmente, no cotidiano de algumas das crianças que participaram do estudo (MAIA, 2019, p. 145-146).

Na abordagem sobre os diferentes papéis dos membros da família, aparecem marcantes condições ligadas ao gênero com os papéis das mulheres (mães e vós) fortemente associadas ao cuidado e às tarefas domésticas. As crianças

também trouxeram ao debate os conflitos na relação entre os casais, percebendo a fragilidade do casamento, além de expressarem que a criação dos filhos pode ser uma tarefa difícil e conflitante. Para a pesquisadora "tais falas, assim como a descrição dos papéis, permitem afirmar que as crianças captam alguns efeitos das contradições geradas pela segunda modernidade, conforme retratado por Beck (2011)⁴" (MAIA, 2019, p. 160).

A escola aparece, fundamentalmente, como o lugar de aprender e a ausência de adultos nos desenhos que as crianças fizeram sobre a escola pode indicar que, na compreensão delas e segundo a pesquisadora, a escola é um lugar das crianças. "Da mesma forma, emergiu a noção de que as crianças frequentam a escola e aprendem porque isso é importante para os pais" (MAIA, 2019, p. 179).

As crianças atribuíram sentidos positivos à escola: disseram que é bom e importante frequentá-la, além de ser obrigatório. A escola serve para aprender, brincar, divertir-se e fazer amigos, segundo as próprias crianças. Neste ponto, apareceram nuances interessantes entre a escola pública e a privada. Na primeira, as crianças fizeram apreciações mais amplas sobre o todo da escola, enfatizando que gostam dela ou a amam, já na segunda as crianças apontaram atividades específicas que gostam de fazer na escola, destacando-se a aula de educação física pelas brincadeiras.

Destaca-se também que as crianças demonstram compreender que a formação não se esgota na Educação Básica, havendo um nível seguinte, a Educação Superior. Também estabelecem, adicionalmente, uma relação entre formação e empregabilidade: quem estuda pode obter melhores postos de trabalho. Essa relação entre escola e emprego partiu dos alunos da escola pública, cujo as famílias são mais pobres e para as quais provavelmente haja uma preocupação maior em obter a formação escolar ou acadêmica

³ GIBIM, A. P. P. G. **Famílias, relações intergeracionais e de gênero**: práticas compartilhadas de educação e cuidado de crianças pequenas. 2017. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://ppg.unifesp.br/educacao/defesas-1/formularios/dissertacoes/2017/ana-paula-pereira-gomes-gibim>. Acesso em: 27 ago. 2018.

⁴ BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.

a fim de melhorar suas condições de vida. Na escola privada essa mesma relação não apareceu, "possivelmente porque os mecanismos que garantem a manutenção ou a mobilidade social sejam outros" (MAIA, 2019, p. 184).

Para além do imperativo de frequência à escola, as crianças demonstram conhecer que nem todas estão em uma escola, relacionando essa exclusão à condição social. No contexto da escola privada as crianças associam essa exclusão à falta de condições financeiras da família: se os pais não puderem pagar uma escola.

As crianças também expressaram a ideia de que, cabe a elas como alunas o papel de se concentrar nas aulas, prestar atenção e se esforçar para aprender, sendo responsabilidade delas o sucesso e o fracasso nos estudos, o que a pesquisadora vai destacar como sendo parte da "intensificação do processo de individualização" da cultura neoliberal.

Outro destaque a se fazer na pesquisa participante de Denise Maia foram as dinâmicas de desenhos com as crianças e as interpretações feitas pela autora sobre eles. Esse é um ponto de bastante destaque na pesquisa e a autora apresenta fotos dos desenhos e as falas das crianças explicando seus trabalhos artísticos.

Ao considerar os desenhos das crianças como espelhos de seus pensamentos, [...] as representações gráficas, tal como as linguísticas, são perpassadas por necessidades comunicativas, por elementos do contexto, pela demanda de apresentar o mundo e de se apresentar a ele. Nesse sentido, a realidade representada é a realidade percebida, elaborada, significada pela criança, e não meramente fotografada (MAIA, 2019, p. 113).

A pesquisa também revelou que as crianças expressam uma expectativa negativa diante dos encontros entre família e escola. Para elas, as rivalidades entre pais e professores não são percebidas e indicaram recair sobre elas as tensões, conflitos e acusações advindas dos encontros entre a família e a escola. "Em outras palavras, as crianças evidenciaram perceber uma sintonia ou certa aliança entre os membros adultos da família e da escola" (MAIA, 2019, p. 210). Ainda assim, segundo Maia:

As crianças colocaram-se como protagonistas relevantes da relação família-escola. Representaram-se como participantes das conversas que tratam de assuntos relativos a elas, como a demarcar que sua presença nesses encontros é pertinente (2019, p. 206).

É possível observar ao longe de toda a tese de Maia a preocupação com o rigor da pesquisa. As escolhas metodológicas tiveram um cuidado notável para atender às demandas da sua opção teórica pela Sociologia da Infância, essa sintonia lhe conferiu as ferramentas adequadas para o procedimento de coleta e análise dos dados. Esses dados coletados mediante procedimentos rigorosos, a análise bem fundamentada, assim como o relatório dos resultados atingidos, aparecem descritos com clareza pela autora, apoiada em um debate interdisciplinar constituído por teorias da História, da Etnografia, da Filosofia, Psicologia e outras áreas do saber.

Marlí André (ANDRÉ, 2001, p. 54) discorre sobre essa necessidade de rigor teórico-metodológico conforme as pesquisas participantes foram avançando e ganhando a predileção no campo da educação:

Se o papel do pesquisador era sobremaneira o de um sujeito "de fora", nos últimos dez anos tem havido uma grande valorização do olhar "de dentro", fazendo surgir muitos trabalhos em que se analisa a experiência do próprio pesquisador ou em que este desenvolve a pesquisa com a colaboração dos participantes.

André (2001, p. 54) continua ao destacar a importância do diálogo interdisciplinar dentro deste processo:

Essas novas modalidades de investigação suscitam o questionamento dos instrumentais teórico-metodológicos disponíveis e dos parâmetros usuais para o julgamento da qualidade do trabalho científico. Extrapolam o campo da educação, encorajando o diálogo entre especialistas de diferentes áreas do conhecimento, com diferentes bagagens de experiência e diferentes graus de inserção na prática profissional.

Maia relata em sua tese que ao término dos grupos focais, verificou-se que os papéis e as funções familiares, que são uma das questões fundamentais da sua pesquisa, não foram trabalhadas de forma significativa em nenhuma

das abordagens metodológicas que ela havia adotado. O que pode parecer um problema em um primeiro momento, revela-se como mais um atributo de uma pesquisa bem-delineada. O devido planejamento do trabalho de pesquisa e os objetivos bem-formulados dão métricas para a avaliação do processo de investigação. São esses os recursos que vão possibilitar mensurar se os objetivos estão sendo alcançados e propiciar, quando necessário, que se estabeleçam mudanças e se adotem novas estratégias, como foi o caso relatado por Maia em sua tese (2019, p. 120). O oposto disso, uma observação livre e sem objetivo prescrito, é um modo questionável de coleta de informação (KREPPNER, 2011).

Nota-se que desse planejamento que antecede a ida ao campo, Denise prevê a necessidade de escolher duas escolas próximas da sua residência, uma vez que o tempo é um fator importante na pesquisa participante. Para Malinowski (1978, p. 30), existe uma diferença significativa entre um contato circunstancial com os sujeitos da pesquisa e o contato de longo prazo com eles. Marques acrescenta ao dizer que:

Com o tempo, os nativos passam a ver com certa naturalidade sua presença, que deixa de se constituir num elemento perturbador da vida tribal que queria estudar, de alterá-la com a sua aproximação (MARQUES, 2016, p. 268).

É mediante este processo que considera o tempo e a convivência que o pesquisador tem acesso ao que Malinowski denomina como "imponderabilidade da vida real" (1978, p. 31), isso é, aqueles fenômenos importantes da vida dos nativos pesquisados e que só podem ser apreendidos em pleno funcionamento, embora o pesquisador não deixe de ser um "intruso", ainda que o estranhamento da sua presença diminua com o tempo. Denise observa bem essa dinâmica quando afirma que:

Tão importante quanto a diversidade metodológica é a postura ética do pesquisador. Isso significa assumir que se é um intruso e que é necessário, durante toda a pesquisa, pedir permissão para estar ali, bem como entender que se é aceito sempre parcialmente e que é preciso "aprender a viver com a realidade de que será sempre um estranho naquele mundo e de que é assim que deve ser" (GRAUE; WALSH, 2003, p.77)⁵, por mais frustrante que isso seja em alguns momentos (2019, p. 104).

Assim sendo, é possível afirmar que a total neutralidade do pesquisador é ilusória.

No momento em que um pesquisador que nunca teve contato com determinada turma de alunos entra na respectiva sala de aula para "apenas observar" e coletar dados, ele já interferiu sobre a dinâmica daquela turma de alunos (MARQUES, 2016, p. 265).

Por isso, outra dimensão importante deste tipo de pesquisa participativa, é que o pesquisador precisa ter a sensibilidade para ler os detalhes e ser capaz de compreender o momento certo de perguntar, qual pergunta lhe é permitida fazer, além de saber o momento de apenas observar (MARQUES, 2016, p. 273).

Neste aspecto, Maia deixa registrado que tudo era feito de comum acordo com as crianças e o silêncio delas era respeitado e compreendido como uma forma da criança não querer participar de terminada atividade e dinâmica. Maia traz esse comportamento das crianças mais de uma vez na tese, mostrando também sua capacidade de perceber que todo evento ou situação percebidos no processo da pesquisa são invariavelmente objeto de categorização e de interpretação (KREPPNER, 2011). Maia diz que:

De forma convergente ao que descreve Horn (2013, p. 7)⁶, podemos afirmar que a permissão das crianças é manifestada por meio de formas sutis – de olhares e sorrisos a "confidências e declarações narradas, conselhos para ficar bem no grupo, espaços reservados nas rodas, no pátio, nas cadeiras e no lugar guardado nos momentos das atividades e nas filas para os deslocamentos", perguntas pessoais (Quantos anos tu tens? Tu tens filhos? Qual o nome e a

⁵ GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

⁶ HORN, C. I. Pesquisa etnográfica com crianças: algumas possibilidades de investigação. **Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 1-19, dez. 2013. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/61/54>. Acesso em: 6 dez. 2018.

idade deles?). Da mesma forma, o silêncio, as respostas lacônicas e o afastamento físico precisam ser entendidos e respeitados (2019, p. 102).

É com essa mesma sensibilidade que a pesquisadora lida com a imprevisibilidade própria da pesquisa participante e faz com que ela, por exemplo, inclua em sua pesquisa os animais de estimação como membros da família, conforme as crianças vão demandando esta inserção nos temas relacionados ao âmbito familiar, algo que a autora não esperava inicialmente. De igual modo, este olhar atendo à observação faz com que a pesquisadora perceba que o método reativo adotado no projeto, funcionou bem na escola pública, mas não na escola privada, o que a forçou a adotar uma estratégia diferente de trabalho na segunda em relação a primeira. De fato, é interessante perceber como a teoria em determinado nível até pode definir o que será observado, todavia, não pode controlar como seu objeto de pesquisa se comportará na observação (POPPER, 1975).

Em toda sua tese Denise tem o cuidado de descrever cada um dos processos, como eles ocorreram antes e durante o trabalho de campo, carecendo, no entanto, de uma abordagem sobre como planejou ou como se deu sua saída deste campo. Naturalmente, como essa pesquisa participativa se desenrolou durante algumas semanas e demandou interação com as crianças e os funcionários da escola, conseqüentemente essas dinâmicas geram algum tipo de vínculo que também exigem do pesquisador uma determinada postura ou resposta (VIEIRA; THERRIEN; MEDEIROS, 2020). Ademais, de um modo geral, "há uma expectativa dos sujeitos e das comunidades estudadas a respeito de algum retorno da pesquisa" (MARQUES, 2016, p. 282) e, como a autora relata de forma brilhante todo o processo que antecede a sua ida ao campo e as experiências ao longo da pesquisa, o relato sobre seu planejamento de saída e as possíveis expectativas que isso gerou nela e nos demais sujeitos da pesquisa, constituem no leitor certa curiosidade deste ponto da pesquisa que não é sanada.

De modo geral, a pesquisa participante apresentada por Maia expressa evidente avanço no

conhecimento científico adquirido através dos resultados, a análise densa e bem-fundamentada, além de descrever com exímio cuidado o percurso teórico-metodológico da sua investigação e os percalços da imprevisibilidade própria da pesquisa participante.

Referências

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, MA, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.

FONTES, Rejane de Souza. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, RJ, n. 29, p. 119-138, 2005.

KREPPNER, Kurt. **Aplicando a Metodologia de Observação em Psicologia do Desenvolvimento e da Família**. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

LEAL, Bernardina. Entre ensinar e aprender, a alteridade da infância. In: TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Elisete (org.). **Cultura e alteridade: confluências**. Ijuí: Ed. Unijui, 2006. p. 87-94.

MAIA, Denise da Silva. **Família e Escola: o que as crianças do 1º têm a dizer?** 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2019.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARQUES, Janote Pires. A "observação participante" na pesquisa de campo em Educação. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, MG, ano 19, n. 28, p. 263-284, maio/ago. 2016.

POPPER, Karl. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

VIEIRA, Hamilton Perninck; THERRIEN, Jacques; DE MEDEIROS, Wendel Alves. Trilhando caminhos na revisão de literatura sobre a ética na pesquisa em educação. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. e33195, 20 jan. 2020.

Tiago Fermino dos Santos

Graduado Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, RS, Brasil; mestrando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Marcos Villela Pereira

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; professor titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Tiago Fermino dos Santos/ Marcos Villela Pereira
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Educação
Av. Ipiranga, 6.681, prédio 8, 3º andar
Partenon, 97010082
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.